

Sobre educação médica e sensibilidades: revisitando Rubem Alves!

On medical education and upbringing sensibilities: revisiting Rubem Alves!

Iêda Maria Barbosa Aleluia

Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, Bahia, Brasil.
ORCID: 0000-0002-7979-1933. iedaleluia@bahiana.edu.br

Rubem Alves nos fala sobre a Educação do Olhar e sua importância na educação¹. Na verdade ele nos fala que não há referência a esse tipo de educação. Não se ensina o estudante a olhar, a perceber o mundo que nos cerca com olhos limpos e abertos. Não se ensina a olhar o mundo com o olhar da criança; olhar curioso, olhar que persegue tudo e todos, que indaga, que reconhece a beleza de cada coisa e pessoa, que se encanta e se assombra. Especialmente na Medicina!

Esse texto me trouxe à mente duas situações: uma vivida por muitos estudantes; outra que ensino, enquanto professora de semiologia médica.

Temos na medicina o ensino de habilidades; habilidades técnicas, que preparam o estudante para ser o profissional treinado em fazer raciocínio clínico, em preparar planos diagnósticos e terapêuticos adequados para os pacientes. Temos a semiologia, que ensina a colher a história do paciente, a escrever registros claros e adequados. Que também ensina o instrumental necessário para ser médico. O que seria da medicina sem a semiologia? Nada! É por onde começamos a clínica, é por onde trilhamos nosso caminho profissional. Contudo, o que ensinamos

realmente na semiologia? Técnicas? Arte? Misto das duas?

Colocando essas indagações diante do texto de Rubem Alves, em muitos casos só ensinamos as habilidades técnicas. O ensino da sensibilidade é deixado de lado por muitos docentes médicos, com a explicação de que se nós nos envolvermos, se sentirmos demais, não seremos capazes de tratar nossos pacientes adequadamente. E ao olharmos a literatura, vemos vários estudos que mostram esse tipo de ensino como responsável pela perda de humanidade do médico, pelo afastamento deste profissional do doente, pela perda de vínculo com o outro^{2,3,4}.

Neste contexto, ao ensinar semiologia, me lembro do que falo aos estudantes que passam por mim: tudo começa com o olhar! Olhe para a pessoa que está diante de você, veja como ela está sentada, andando, falando; qual a expressão dela: medo, raiva, ansiedade, tranquilidade? Ela está sozinha ou acompanhada?

O que vemos nos diz tanto, nos dá tantas respostas. Mas só focamos na icterícia, na cianose, na marcha alterada. Isso é importante, claro! Mas não é a única coisa. Vibrar, sorrir, se emocionar

com o que vemos e ouvimos dos nossos pacientes nos traz para a dimensão humana, para a possibilidade de termos empatia. Para ver além do ordinário, do banal. Nesse processo de ensino e aprendizagem, o olhar também deve ser para nós mesmos, para a relação estabelecida: em que ela nos afeta? Que emoções nos desperta? Que reações temos?

Ler Rubem Alves me mobilizou a escrever esse texto sobre o Olhar na semiologia, sobre o ensino do Olhar com “O” maiúsculo; sobre a sensibilidade que o médico não deve sufocar. A renovar meu compromisso de não desumanizar os estudantes, de olhar para eles com alegria e esperança de que eles não vão se perder no caminho da técnica pura e dura. Que eles vão conseguir manter o olhar curioso de criança, com a mente afiada do profissional, e assim vão ser profissionais melhores.

Um professor que ensina as habilidades é normal. Um professor que estimula a sensibilidade no ensino das habilidades... isso pode fazer a diferença na formação médica.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

Referências

1. Alves R. Educação da Sensibilidades [Internet]. Disponível em: <https://www.revistapazes.com/educacao-sensibilidades-rubem-alves/>
2. Woloschuk W, Harasym PH, Temple W. Attitude change during medical school: a cohort study. *Med Educ.* 2004;38(5):522-34. doi: [10.1046/j.1365-2929.2004.01820.x](https://doi.org/10.1046/j.1365-2929.2004.01820.x)
3. Rezler AG. Attitude changes during medical school: a review of the literature. *J Med Educ.* 1974;49(11):1023-30.
4. Reinhardt AM, Gray RM. A social psychological study of attitude change in physicians. *J Med Educ.* 1972;47(2):112-117.